

## A ARTE DA TRADUÇÃO (1)

por Eugénia Gonzalez V. de Figueiredo  
(Universidade de Lisboa)

### 1) INTRODUÇÃO

Não queria começar esta comunicação sem mencionar que o tema sobre o qual me vou debruçar se inspira nas diversas reflexões que surgiram no decurso dum colóquio internacional sobre tradução (2), durante o qual tradutores, intérpretes, professores e investigadores em tradutologia se interrogaram sobre variadíssimos problemas ligados à tradução e à interpretação. Num momento em que estão no nosso país em fase de desenvolvimento ou de arranque cursos superiores de tradução e que os exercícios de versão e de tema foram de novo reinseridos na aprendizagem das línguas estrangeiras, pareceu-me oportuno abordar aqui alguns problemas ligados à tradução e ao seu ensino.

O brilhante intérprete, tradutor e jornalista que foi Edmond Cary proferiu em 1958 uma série de conferências radiofónicas subordinadas ao tema da tradução, conferências que as Presses Universitaires de Lille tiveram a ideia feliz de publicar recentemente (3). Nestas conferências Edmond Cary fala-nos, com uma rara acuidade, dos diversos géneros de tradução. No que respeita à tradução literária alude, por exemplo, a algumas traduções das MIL E UMA NOITES, explicando que as tra-

duções diferem entre si, não só porque são traduções feitas por homens diferentes, mas também porque cada uma representa uma tentativa de adaptação a públicos de gostos e de mentalidades diferentes. Assim, às traduções de Mardrus e de Richard Burton, apreciadas pelos leitores pelo seu estilo divertido e ousado, podemos opôr a tradução russa de Salié, talvez demasiado puritana, mas particularmente feliz na tradução das citações poéticas contidas na obra original. Aliás, as diferentes traduções das partes poéticas das MIL E UMA NOITES permitem reflectir também sobre a tradução da poesia. Duas opções parecem ser possíveis: ou se procede exactamente como com a prosa, traduzindo primeiro o sentido das palavras e das frases, e a seguir o estilo e as nuances semânticas, ou tenta-se captar a emoção estética contida no original e restituí-la. Nos dois casos os resultados podem ser excelentes, mas os objectivos diferem claramente. Num, o tradutor pretende restituir o conteúdo semântico do poema original, no outro caso é a essência poética que é priviligiada.

Mas a tradução de textos literários e de poemas é igualmente apanágio da Universidade. A noção de versão e de tema foi tradicionalmente associada à aprendizagem das línguas mortas e mais tarde à das línguas vivas. A finalidade destes exercícios era e é ainda hoje de dar a conhecer uma língua e uma cultura estrangeiras e não propriamente ensinar a traduzir. Assim, neste tipo de exercícios não é importante descobrir o que o texto pretende ou pretendia comunicar, mas sim analisar detalhadamente as palavras, as expressões e as frases contidas no texto para a seguir as traduzir segundo processos de tradução que vão da tradução literal à adaptação, passando pela transposição, a equivalência ou o decalque. Um exercício deste tipo é útil para a apren-

dizagem do léxico e de estruturas gramaticais, se for feito de uma maneira ordenada e sistemática, mas não permite abordar um texto como um acto de comunicação que é necessário interpretar e re-criar no momento de traduzir. Os exercícios de versão e de tema criam, portanto, nos estudantes o hábito de traduzir um texto palavra por palavra, e a convicção ingénua de que para se saber traduzir é preciso conhecer todas as correspondências entre duas línguas. Ora, apesar de existirem correspondências entre duas línguas a nível morfológico, sintáctico, lexical e semântico, tais correspondências não constituem um método de tradução, e este é necessário para se poder estabelecer as equivalências de sentido. Vejamos, assim, quais serão os fundamentos teóricos que nos permitirão elaborar numa fase ulterior uma metodologia para o ensino da tradução.

## 2) UNIDADE E DIVERSIDADE DA TRADUÇÃO

Traduzir é uma actividade milenária que foi sobretudo praticada oralmente até ao desenvolvimento da imprensa. Graças a Gutenberg muitas obras, de facto, iriam surgir assim como as suas respectivas traduções e adaptações, sem que ninguém pensasse, aliás, em estabelecer linhas de demarcação entre os vários tipos de tradução. Foi só no século XX que a análise retrospectiva das diversas traduções de uma mesma obra e a grande expansão e diversidade desta actividade, levaram os estudiosos da tradução a interrogar-se mais aprofundadamente sobre a sua complexidade, e a separar a interpretação da tradução escrita, a tradução literária da tradução técnica, a tradução propriamente dita da adaptação.

a) Interpretação e tradução escrita:

No que respeita às diferenças entre a interpretação e a tradução escrita, conta-se que há uns mil anos, o alquimista árabe Rhazés - tradutor da obra do célebre médico grego Cláudio Galeno - recebeu a visita dum sábio chinês que falava também árabe. Este último queria saber qual era a interpretação do alquimista de algumas páginas da obra de Galeno. O alquimista acedeu ao seu pedido e leu alguns trechos da obra do médico grego enquanto o outro tomava apontamentos. Acabada a leitura, qual não foi o espanto do alquimista ao ouvir o sábio chinês reproduzir corretamente em árabe páginas que ele tinha demorado vários anos a traduzir.

Esta pequena história pretende pôr em evidência o talento dos intérpretes e a surpresa que o seu trabalho sempre provoca nos leigos. A aptidão que têm os intérpretes em captar as ideias contidas num texto e em restituí-las em outra língua num tempo "record" suscita, de facto, grande admiração, pois, enquanto um tradutor profissional precisa de duas horas para traduzir umas 50 linhas, o intérprete só precisará de uns escassos oito minutos para interpretar as mesmas linhas! Ser intérprete pressupõe, portanto, possuir uma inteligência ágil capaz de realizar rapidamente operações de análise e de síntese, ter uma boa capacidade de concentração, rigor e precisão na expressão, e o dom da palavra. Tais qualidades são hoje desenvolvidas em escolas especializadas através duma pedagogia da interpretação. Na Escola Superior de Intérpretes e Tradutores (E.S.I.T.) da Universidade de Paris III e no Serviço Comum Interpretação-Conferências da Comissão das Comunidades Europeias, a metodologia proposta pelas professoras Danica Seleskovitch e Marianne Lederer (4) para a formação de

intérpretes baseia-se numa teoria do sentido, em que a unidade de sentido (5) desempenha um papel fundamental. Para M. Lederer as unidades de sentido são imateriais, contrariamente às palavras que estão na sua origem, e assentam em segmentos cujo comprimento varia em função dos conhecimentos de cada indivíduo. Estes segmentos sonoros não têm, por conseguinte, uma delimitação fixa, porque o sentido pode ser apreendido a seguir à primeira palavra, ou a seguir a três ou quatro palavras, daí que um dos primeiros objectivos que é preciso atingir no ensino da interpretação é uma rápida e precisa apreensão das informações.

São as diversas situações de comunicação que dão origem a maneiras de escutar diferentes, assim, quem escuta, por exemplo, uma comunicação, escolherá unicamente os pontos que vão ao encontro dos seus interesses ou preocupações; quem participa numa discussão seleccionará os pontos que lhe são úteis para argumentar a favor ou contra. Mas o intérprete não pode escolher ou seleccionar, pois deve concentrar-se sobre o querer dizer do orador e apreender todas as nuances do seu discurso a fim de o poder restituir fielmente. Os estudantes em interpretação deverão, portanto, aprender a ser bons ouvintes e a fazer uma análise instantânea das palavras de um orador. A sua reformulação das ideias expressas pelo orador será espontânea e menos elaborada do que a expressão escrita, mas a qualidade da sua análise do discurso deverá ser semelhante à da análise escrita dum texto. O processo interpretativo resumir-se-á:

- num trabalho interpretativo que consiste em aplicar as nossas "competências" (competência linguística/enciclopédica/lógica/retórico-pragmática, segundo a terminologia de C. Kerbrat-Orecchioni, 1986) nos diversos significantes que compõem a se-

quência de maneira a extrair os significados;

- na desverbalização do discurso, que corresponde a uma maiêutica aplicada à interpretação e que implica suscitar nos futuros intérpretes reacções cognitivas (associações de ideias, mobilização dos conhecimentos) e emotivas (reacções positivas ou negativas face às informações) que lhe permitam apreender o sentido das informações e encontrar formas de expressão naturais na língua que estão a falar;

- na expressão clara das ideias, a fim de obter uma interpretação que salvguarde a coesão e a coerência do texto original.

As reflexões que antecedem, sobre a interpretação, permitem-nos abordar agora a tradução escrita e explicar em que se assemelham e diferem estes dois géneros.

Tanto no ensino da tradução, como no da interpretação, é necessário fazer compreender ao futuro tradutor quais são as operações intelectuais subjacentes ao acto de traduzir. No que respeita, portanto, à compreensão dos textos as exigências nos dois géneros são as mesmas. No entanto, traduzir e interpretar implicam situações de comunicação diferentes e exercem-se sobre textos que são geralmente também diferentes. Assim, se é verdade que a língua falada é tão ambígua como a língua escrita, existe apesar de tudo, uma diferença fundamental entre as duas: a escrita é remanescente. Esta qualidade confere a todas as palavras dum texto uma idêntica presença e a possibilidade de lhes serem atribuídas diversas significações. A língua oral, pelo contrário, é evanescente. O tempo de presença mental do enunciado é tão curto que para o intérprete é impossível dar-lhe mais duma interpretação, e esta terá de traduzir correctamente o querer dizer do orador.

Para o intérprete o discurso é, por conseguinte, unívoco. Quando uma frase é linguisticamente ambígua, são o contexto e os conhecimentos pertinentes que o intérprete possui que lhe permitirão ultrapassar esta dificuldade e dar um sentido apropriado à frase. Assim, por exemplo, se um homem de negócios coreano disser, quando for apresentado ao seu interlocutor, que o acha atraente, o intérprete deverá ter o cuidado de traduzir de maneira a não criar uma situação que não corresponda à realidade e que possa suscitar reacções inesperadas. Mas o tradutor, contrariamente ao intérprete, poderá procurar num texto todas as significações que são semanticamente e gramaticalmente possíveis e, à semelhança do jurista, escolher a que achar mais adequada. Além disso, quando o tradutor constata que uma frase pode ter diferentes significações usufrui de tempo suficiente para reflectir e recorrer a dicionários e enciclopédias, o que lhe dá vantagem sobre o intérprete.

Quanto à expressão escrita, a sua pedagogia deverá incidir em particular segundo J. Delisle (6), sobre as funções da linguagem e não tanto sobre uma descrição linguística das línguas. Assim, estudar-se-ão as convenções da escrita, a exegese lexical, o estilo e a organização textual. A tradução de textos que pertencem a diferentes áreas do saber e que visam objectivos diversos, tais como informar, descrever e argumentar, servirão para desenvolver a capacidade de redacção dos estudantes que deverão procurar empregar expressões exactas, evitar os pleonasmos e as repetições, e garantir a coesão e a coerência dos textos.

## b) Tradução literária e tradução técnica:

A tradução escrita desdobra-se em tradução literária e em tradução técnica. Esta última é ensinada há menos de meio século em escolas especializadas e abrange textos para-literários (textos jornalísticos e publicitários) e textos de cariz científico, administrativo e técnico. Quanto à tradução literária, esta tem sido praticada no âmbito do ensino das línguas mortas e vivas sob a forma de exercícios de versão e de tema. Só muito recentemente, e de forma algo tímida, o ensino da tradução literária foi possível ao nível de cursos universitários especializados. As causas que estão por trás da exclusão da tradução literária em escolas especializadas são, na nossa opinião, práticas e psicológicas.

As escolas de formação de intérpretes e de tradutores surgiram depois da Segunda Guerra Mundial e são fruto de transformações sociais e económicas. Hoje, de facto, traduz-se tudo ou quase tudo, pois os intercâmbios internacionais são intensos. As escolas desempenham, portanto, um papel importantíssimo na formação de tradutores técnicos em áreas da vida económica, política e científica. A tradução literária, pelo contrário, tem tido pouco impacto do ponto de vista de postos de trabalho, o que explica porque as traduções são feitas ou por escritores que querem dar a conhecer colegas estrangeiros, ou por universitários, ou ainda por pessoas que gostam de traduzir e querem tornar esta actividade lucrativa. São, em todos os casos, pessoas autodidactas em relação à tradução literária que erraram, sem dúvida, muito até conseguirem dominar um certo "savoir-faire". O caminho mais ou menos longo que tiveram que percorrer até se imporem como tradutores leva-as, muitas vezes, a um individualismo exacerbado e a recusar a hipótese de a sua arte vir a ser ensinada. Ora, esta



posição parece-nos insustentável por três razões. A primeira é que a tradução dos textos literários implica, por um lado, a mesma ginástica mental que os outros géneros de tradução e requer, por outro lado, o domínio das técnicas da redacção, o que torna o seu ensino possível porque este pode ser sistematizado. A segunda razão é que sendo a tradução literária uma actividade responsável em relação ao público e ao autor da obra original, deveria - à semelhança de outras actividades, tais como o jornalismo - ser ensinada em escolas especializadas. O preconceito de que um bom jornalista ou um bom tradutor é um "self made man" é antigo, mas está, hoje em dia, em via de ser ultrapassado. A terceira e última razão é que vivemos numa época em que os objectos culturais estão a adquirir um prestígio tão grande - lembraremos a perplexidade que suscitam os preços atingidos por quadros de Van Gogh e de Picasso - que a literatura dum país e a sua exportação através de traduções para outros países, tornou-se imprescindível para sustentar a imagem de marca dos países mais desenvolvidos economicamente. Daí a necessidade de dar uma especial atenção à qualidade dos tradutores e à literatura traduzida que aparece no mercado.

O princípio de que todo o ensino deve ser estruturado e organizado em função da aquisição progressiva de um saber aplica-se também à tradução e leva-nos a propor algumas reflexões sobre a pedagogia da tradução técnica e da tradução literária.

Todo o acto pedagógico implica uma participação activa dos estudantes. Por isso, no que respeita à tradução técnica, será necessário motivar os estudantes, propondo temas que interessam o seu dia-a-dia, como por exemplo a informática, e temas da actuali-

dade, tais como a luta contra a Sida, as transformações socio-económicas dos países de Leste, a crise do Golfo, etc., a fim de ser possível constituir um dossier sobre cada tema com artigos veiculando informações específicas e termos técnicos. A constituição dos dossiers terá também por objectivo mostrar aos estudantes que é preciso estarem informados no plano político, económico, social e técnico para poderem trabalhar como tradutores, pois a curiosidade intelectual é uma qualidade necessária a um futuro tradutor. Uma vez os dossiers constituídos, o professor escolherá alguns textos para traduzir em função da sua tipologia e do grau de dificuldades que apresentam, estabelecendo uma progressão ao longo do ano. No entanto, terá o cuidado, quando da sua escolha, de analisar as dificuldades que os textos apresentam não só a nível dos termos técnicos, mas também a nível da linguagem utilizada.

No que respeita à tradução dos textos, uma verdadeira pedagogia da tradução não deverá limitar-se a uma simples tentativa de tradução e de correção. Deverá, pelo contrário, ensinar que são possíveis várias traduções de um mesmo texto. Um artigo publicado numa revista técnica poderá, assim, ser traduzido de formas diferentes conforme se destine ou não a outra revista técnica com um público semelhante ao da original, ou a uma revista de grande divulgação. Os estudantes são levados, através desta metodologia, a fazer traduções correctas que os preparam para a vida profissional e que lhes permitem compreender que a tradução é um processo cuja complexidade não é contemplada em definições do género: "A tradução faz passar uma mensagem da língua de partida ou língua-fonte para uma língua de chegada ou língua-alvo" (7). Quanto às dificuldades ligadas à re-expressão dos textos, elas são várias e podem ter por origem os termos técnicos, mas também a linguagem específica a cada domínio. Os conhecimentos que os tradutores de

textos técnicos têm, por conseguinte, de adquirir não podem restringir-se a listas de termos técnicos, pois os contratos, as leis, os tratados de química ou de comércio, por exemplo, têm uma linguagem específica que é necessário dominar, o que implica a procura de documentos e um estudo comparado. A qualidade da redacção é muito importante, pois o ensino da tradução terá por objectivo ensinar aos futuros tradutores técnicas de redacção a fim de eles adquirirem uma escrita ao mesmo tempo clara e flexível. A simulação de situações reais de escrita com as quais se depararão na sua futura vida profissional permitirá alcançar esse objectivo. Mas, se a tradução de textos técnicos - quer estes se destinem a um público restrito ou ao grande público - é um trabalho que está, sem dúvida, relacionado com o domínio ao qual pertencem os textos, isto também se verificará com a tradução literária.

A tradução literária, também chamada artística porque abrange todos os textos que pretendem dar uma forma original e estética ao conteúdo, é ensinada em algumas universidades no âmbito de cursos superiores de especialização. A oposição tradicional entre tradução técnica e tradução literária é, na nossa opinião, incorrecta do ponto de vista teórico e até se pode afirmar que só é útil para estabelecer categorias profissionais diferentes. Mas a fronteira entre uma e outra categoria não é sempre, aliás, fácil de delimitar. Quando a publicidade, por exemplo, - domínio geralmente reservado aos literatos - faz a promoção da tecnologia e descreve as características de um novo computador ou de uma nova máquina agrícola, são os tradutores técnicos que estão mais habilitados a traduzir. Um curso de tradução deve, portanto, ofe-

recer uma formação suficientemente sólida para possibilitar uma fácil inserção dos tradutores no mundo do trabalho. Daí, o interesse de ensinar-se também a tradução literária ou artística.

Do ponto de vista prático o ensino da tradução literária permitirá aos futuros tradutores adquirir uma formação mais completa que lhes permitirá traduzir com êxito, por exemplo, software, tradução que implica um delicado trabalho de adaptação quando a cultura e a civilização do original é muito diferente da cultura e da civilização do país para o qual a multinacional exporta. A pedagogia da tradução deve, neste caso, pôr em relevo o trabalho criador do tradutor e mostrar que é possível existir uma decalagem mais ou menos grande entre o original e a tradução. O papel do professor consistirá, por um lado, em ensinar como o tradutor pode exercer a sua liberdade e, por outro lado, em ensinar como esta varia em função de diversos parâmetros que é necessário tomar em consideração. Quanto aos futuros tradutores literários, estes poderão adquirir, numa boa formação geral, métodos de trabalho e de investigação, pois são basicamente os mesmos seja qual for o género de tradução. Assim, o tradutor literário deverá, antes de traduzir uma obra literária, documentar-se sobre a história do seu nascimento e sobre o seu autor, se não ser-lhe-á impossível apreendê-la na sua totalidade.

Do ponto de vista teórico a tradução literária ou artística exige as mesmas operações intelectuais que a tradução técnica. As dificuldades de tradução são, no entanto, diferentes porque estamos em presença de textos que visam criar nos leitores emoções estéticas através da valorização da forma, o que exigirá do tradutor um esforço no mesmo sentido. Além disso, não sendo pragmático o conteúdo destes textos, o sentido das obras desdobra-se em

vários níveis de leitura que o tradutor deve não só apreender, mas também reconstruir, esforçando-se por encontrar novas coesões e coerências. Neste aspecto o tradutor é um verdadeiro co-autor que faz renascer uma obra estrangeira noutra língua e noutra civilização, através de um trabalho de apropriação.

A pedagogia da tradução literária ou artística deve, portanto, tomar como ponto de partida uma profunda compreensão da literatura como fenómeno cultural e estético. Mas, apesar da atenção que é necessário dar ao estudo da forma no ensino da tradução literária, é imprescindível ensinar igualmente aos futuros tradutores a distanciarem-se das palavras e a apreender a mensagem da obra. O processo de desverbalização realizar-se-á através da análise e da exposição das ideias contidas na obra. Os debates sobre a obra a traduzir serão também importantes na medida em que darão a oportunidade aos estudantes de passar de uma interpretação subjectiva da obra a uma interpretação intersubjectiva ao compreenderem outros pontos de vista. Esta metodologia em tradução preparará os estudantes para aceitarem com naturalidade a ideia de que o sentido de uma obra literária é o convívio de ideias e de emoções e que, portanto, é possível coexistirem diversas traduções de uma mesma obra. Quanto à pedagogia da tradução propriamente dita, os professores prepararão os futuros tradutores através do estudo teórico-prático das técnicas de redacção e através de adaptações de textos literários.

#### c) Tradução e adaptação:

Quando se quer explicar o que distingue uma tradução de uma adaptação, as noções de fidelidade e de liberdade vêm imediatamente ao espírito. "Não há tradução sem liberdade" afirmam os tradutores, mas é para a seguir debater o velho problema da fide-

lidade em tradução e dar exemplos de infidelidades das quais alguns se orgulham e outros prefeririam não falar. A verdade, no entanto, é que não se pode empregar o mesmo peso e a mesma medida para pesar e medir todas as coisas. Cada género de tradução e cada texto têm características "sui generis" que obrigam o tradutor a rever estas noções. Portanto, assim como o conceito de democracia conhece variáveis mais ou menos grandes de país para país, assim a liberdade e a fidelidade em tradução deverão ajustar-se a cada texto e aos parâmetros da comunicação.

Se definirmos a acção de traduzir como uma tentativa de imitação do original, verificamos não poder haver em tradução uma cópia exacta do original, mas poderem existir cópias mais ou menos próximas deste. Traduzir é, portanto, instaurar uma dialéctica entre um texto invariável e textos em que a fidelidade ao conteúdo e à forma do original é variável. A distinção entre tradução e adaptação tem, assim, por fundamento as liberdades que o tradutor toma ou não toma para com o original. Qual é, por conseguinte, a linha de demarcação entre a tradução e a adaptação? A verdade é que ela não é sempre fácil de delimitar. Assim, uma peça de Shakespeare traduzida em francês - o que implica a passagem de uma língua barroca para uma língua clássica - será considerada uma tradução ou uma adaptação? E, no caso de traduções que são o resultado duma dupla tradução, por não haver tradutores que conheçam uma determinada língua como, por exemplo, o japonês e se tenham visto forçados a traduzir a partir duma tradução inglesa, falar-se-á também de traduções ou de adaptações?

Mas, além destes casos, em que a denominação talvez não seja adequada, existem muitos outros em que a classificação não levanta problemas, pois, enquanto na tradução se trata de restituir fiel-

mente o conteúdo e a forma do original, na adaptação o tradutor toma deliberadamente o partido de conservar somente alguns aspectos da obra. Encontraremos, assim, adaptações de romances ao cinema em que o seu conteúdo é em grande parte sacrificado e adulterado, e em que se pode verificar verdadeiras transposições linguísticas, como é o caso da adaptação para o cinema do NOME DA ROSA de U. Eco em que o latim vulgar falado pelos monges deste best-seller é substituído no filme por um inglês que parodia o latim vulgar. Outros casos de adaptações são as traduções teatrais em que o encenador faz um trabalho de adaptação em função do público ao qual se destinam as representações e em função da sua própria sensibilidade em relação à peça. Podendo as traduções não corresponder ao trabalho que o encenador quer realizar, ele ver-se-á obrigado a encomendar uma nova tradução da peça.

Para o tradutor as dificuldades não são unicamente de ordem linguística, são igualmente de ordem cultural e ética. Traduzir, assim, o teatro de E. O'Neill, em que os trunfos são o realismo e uma linguagem prosaica, representa um verdadeiro trabalho de re-criação. A nível universitário são também feitas traduções de peças de teatro de autores clássicos. Neste caso, o objectivo da tradução não é a representação duma peça, mas sim a sua leitura, a fim de dar a conhecer um dramaturgo, o pitoresco da língua que é traduzida e a civilização na qual a peça se insere. São traduções que são feitas com o mesmo espírito que são feitos os exercícios de versão, quer dizer, sem visar um impacto imediato sobre o destinatário, mas sim, satisfazendo a sua curiosidade intelectual. Os resultados não serão idênticos nos dois casos, pois no primeiro teremos uma tradução funcional que visa a inteligibilidade da interpretação e que é avaliada pela facilidade com que o desti-

natário apreende a mensagem contida no texto.No segundo caso será uma tradução linguisticamente fiel ao original que suscita no leitor sensações de estranheza face a uma língua e a uma civilização estrangeiras,mas cuja leitura não é ,por essa razão, fácil.

A pedagogia da tradução deverá,através da análise e da prática de adaptações,ensinar que não há em tradução oposição entre liberdade e fidelidade porque o tradutor é,em primeiro lugar,um transmissor de conceitos.Será,assim,fundamental que o professor e os estudantes escolham,antes de fazer uma adaptação,o que pretendem restituir do original: se unicamente o conteúdo ou só parte dele,ou se também pretendem restituir o mesmo modo de representação narrativo.O método de trabalho consistirá em

- identificar a missão do texto de partida,
- analisar o fundo e a forma,
- estruturar o texto de chegada,
- redigí-lo e verificar o impacto que produz no destinatário.

As adaptações implicam,portanto,um trabalho de criação que será tanto mais importante quanto mais o texto de chegada se afaste do texto de partida.

### 3) CONCLUSÃO

Neste artigo apresentámos algumas reflexões,que precisarão de ser mais aprofundadas num trabalho ulterior sobre a especificidade da tradução e sobre o seu ensino.Os aspectos puramente linguísticos não foram aqui abordados porque exigiam um desenvolvimento muito maior que ultrapassava o quadro deste trabalho,levando-nos a dar-lhe uma finalidade diferente.



A oposição entre o ensino da tradução e a utilização que é feita da tradução no ensino das línguas clássicas e modernas, evidenciou quanto são prejudiciais os exercícios de versão e de tema para o ensino ulterior da tradução, pois estes exercícios iludem os estudantes ao levar a encarar a tradução como uma procura de correspondências e não como um acto de comunicação que é necessário re-criar. Daí a necessidade, por um lado, de se adoptar uma pedagogia diferente em relação aos exercícios de versão e de tema e, por outro lado, de se analisar de que maneira o ensino da tradução - no quadro duma didáctica das línguas estrangeiras - pode aperfeiçoar os conhecimentos linguísticos dos estudantes.

Pensamos existir hoje uma certa convergência entre a didáctica das línguas estrangeiras e a da tradução, pois as duas têm por objectivo desenvolver as capacidades de interpretação e de comunicação dos aprendentes, seja no domínio do oral, seja no domínio da escrita. Se quisermos, portanto, ensinar a tradução no quadro da didáctica das línguas estrangeiras, será necessário explorar tudo o que diz respeito à comunicação e elaborar uma metodologia em harmonia com a das línguas.

O facto de a tradução se exercer sobre textos cuja natureza e finalidade são diversas, implica estratégias diferentes de apreensão dos conteúdos e encontrar uma solução "ad hoc" para cada texto. ~~é necessário estabelecer regras específicas para cada tipo de texto.~~ A tradução é, assim, uma arte que requer - à semelhança das outras artes, sejam elas espaciais, como o desenho, ou temporais, como a música - um conjunto de conhecimentos técnicos para dominar a sua prática e as regras de cada género. A criatividade desempenha também um papel importantíssimo em tradução, porque o tradutor terá de ir além das palavras para apreender as relações

entre as coisas e recriá-las noutra língua.

A nossa brevíssima apresentação de diversos géneros de tradução teve por objectivo mostrar, através da análise das competências específicas que cada género exige, quanto a tradução é plural. Mas, apesar <sup>da sua</sup> ~~de~~ diversidade, a tradução é também uma, pois implica fundamentalmente as mesmas operações intelectuais, ou seja: apreender as informações explícitas e implícitas contidas num texto, compreender o sentido do texto e, por fim, restituí-lo noutra língua em conformidade com o texto original. A tradução, seja qual for o seu género é, portanto, em simultâneo o resultado de uma imposição e a expressão de uma liberdade que confere à arte da tradução toda a sua dignidade.

Porto, em 1 de Outubro de 1990

#### NOTAS:

- (1) O título do nosso artigo pretende fazer eco à obra de T. Savory "The art of translation" (1957).
- (2) Trata-se do colóquio internacional organizado pela Universidade de Paris III (E.S.I.T.) intitulado "La liberté en traduction" e que se realizou os 7-8-9 de Junho de 1990.
- (3) As conferências de E. Cary estão reunidas sob o título "Comment faut-il traduire?" (1986) e são apresentadas por M. Ballard.
- (4) Intérpretes de conferência, professoras na Universidade de Paris III: Danica Seleskovitch, Directora da E.S.I.T. e responsável pela área de investigação; Marianne Lederer, responsável do Ensino da Interpretação na E.S.I.T.
- (5) "A unidade de sentido", micro-elemento do sentido de um dis-

curso, foi descoberta por M. Lederer quando dos seus estudos sobre a interpretação simultânea (1976, 1981).

(5) J. Delisle, "L'analyse du discours comme méthode de traduction", University of Ottawa Press, 1982.

(7) Definição de J.R. Ladmiral, em "Teoremas para a tradução", e citada pelos autores da obra "Savoir lire, oser traduire" (Edições ASA, 1986, p. 11).

-----